

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
14 e 20 de Novembro de 2025

REACHING FOR THE SUN / 1941

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / Argumento: W.L. River, baseado num romance de Wessel Smitter / Direcção de Fotografia: William C. Mellor / Direcção Artística: Hans Dreier e Earl Hedrick / Música: Victor Young / Som: Harry Mills e Walter Oberst / Montagem: Thomas Scott / Interpretação: Joel McCrea (Russ Eliot), Ellen Drew (Rita), Eddie Bracken (Benny Hogan), Albert Dekker (Herman), Billy Gilbert (Amos), George Chandler (Jerry), Bodil Rosing (mãe de Rita), James Burke (Norm), Regis Toomey, Hobart Cavanagh, Nella Walker, etc.

Produção: Paramount / Produtor: William A. Wellman / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Reaching for the Sun segue-se, na obra de Wellman, a um belíssimo e discretíssimo filme, **The Light that Failed**. Na comparação com esse, **Reaching for the Sun**, um filme “ligeiro”, digamos assim, mas nada desagradável e imbuído de várias particularidades interessantes, faz figura de obra menor, e assim passou à história. Na sua biografia do realizador, que amplamente temos referido, Frank Thompson aponta duas ou três razões para que, ainda assim, deva ser visto como um momento importante na obra de Wellman.

Para o biógrafo, marca o fim de dois ciclos. Primeiro, do ciclo “hiperactivo” de Wellman: atacado pela artrite crónica, que o obrigou a uma longa paragem (“longa”, em sentido wellmaniano, significa “alguns meses”) para tratamento e convalescença durante este período de 1940/1941, Wellman não voltaria ao ritmo que tinha nos anos 30, quando era capaz de estrear uma mão cheia de filmes num só ano. Daqui para a frente, estabilizaria no número muito razoável de um filme por ano, no máximo dois, e Thompson atribui isso às limitações físicas trazidas pela artrite (mas não quer dizer que Wellman tenha perdido velocidade: as filmagens de **Reaching for the Sun** foram tão fluidas e velozes que ficaram concluídas semanas antes do prazo previsto). O outro ciclo interrompido foi o da colaboração com Robert Carson, o argumentista que tinha escrito **The Light that Failed** e, antes disso, **A Star is Born** e **Beau Geste**, outros grandes sucessos de Wellman nos anos precedentes. Conta Thompson que Carson instigava Wellman a filmar uma adaptação, escrita por ele, de **The Man Who Would Be King**, de Kipling. Wellman torceu o nariz e contrapôs o modesto romance que está na base de **Reaching for the Sun**; Carson leu-o, não achou interessante, propôs uma série de alterações, o realizador e o argumentista zangaram-se, e foi o fim da relação. Thompson também tem uma leitura interessante da atitude de Wellman: começaria a ter ciúmes de Carson, e queria provar que o sucesso destes últimos filmes não se devia (só) ao argumentista, porque, e citamos Thompson, “apesar de apregoar o trabalho de equipa, e

de se orgulhar de ser um funcionário de estúdio, Wellman tinha, na verdade, um ego enorme”.

Seja como for, mesmo sem Carson, parece que o argumento alterou muita coisa do romance-base. O livro de Wessel Smither era uma história “working class”, sobre operários da indústria automóvel, um retrato do proletariado de Detroit (o centro da indústria automóvel americana), cheio de colorações ditas “socialistas”, e muito disso foi limado. O que ficou, apesar de meramente indicativo e tangencial, ainda tem alguns momentos significativos – por exemplo, a descrição das longas filas de operários às portas da fábrica, à espera de uma vaga na linha de montagem (que é filmada, nas sequências que introduzem o espectador ao trabalho na fábrica, com um nada negligenciável sentido de “documentário”), e cujo detalhe vai além da sua justificação narrativa (é nessas filas que o protagonista de Joel McCrea conhece o rapaz que vem a ser o seu melhor amigo e conhece a mulher com quem virá a casar). Não é poupada a caracterização do trabalho industrial como uma violência, mas estamos bem longe dos **Modern Times**, porque é um jogo que se aceita sem grande questionamento (a cena “proto-musical” em que McCrea e Bracken improvisam uma dança enquanto apertam porcas e parafusos), tal como o topo da pirâmide patronal permanece uma grande abstração. Mesmo o principal antagonista, o “bully” de Albert Dekker, é outro operário. Não se trata, evidentemente, de um filme de denúncia, nem mesmo de um filme que procure um retrato detalhado do quotidiano no capitalismo industrial – e isso mesmo, logo na época, foi notado por vários críticos, nomeadamente Bosley Crowther, que lamentava o apagamento de “toda e qualquer sugestão de conflitos laborais” e da relação entre operariado e patronato.

Wellman – que não era propriamente um “socialista” – terá posto o foco do seu interesse na saga familiar, no “american romance” em escala microscópica que é a história de McCrea e Ellen Drew (e do amigo Benny, que está aqui como uma mistura de filho adoptivo e “sidekick” de super-herói, um Robin para o “Batman operário” de McCrea), do seu casamento, da chegada da paternidade e da maternidade, dos infortúnios (o ferimento de McCrea), e a sua demanda “em direcção ao sol” – um “sol” que é basicamente a natureza, os espaços abertos, como se a aventura de McCrea fosse só uma forma de voltar ao princípio, e aos planos iniciais do filme, quando o vemos despreocupadamente a apanhar amêijoas ou moluscos semelhantes. O espaço industrial, o espaço doméstico, e o espaço natural – este é o tríptico que Wellman constrói neste filme que está sempre a girar entre estes ambientes, numa progressão velocíssima. e cheia de elipses que têm o condão de não deixar **Reaching for the Sun** ficar a mastigar os lugares-comuns do melodrama familiar. Narrativamente, esses saltos, essa recusa da demora, são porventura o aspecto mais idiossincrático do filme, o que está mais de acordo com o lendário pragmatismo de William Wellman.

Luís Miguel Oliveira